

## Discurso bolsonarista ou nazista? A materialidade discursiva em charges

### Bolsonarista or Nazi speech? Discursive materiality in political cartoons

**VIEIRA, ISABELA RODRIGUES**  
vieirarisabela@gmail.com

Doutoranda, Universidade Estadual de Londrina, Brasil

**RAMOS, PAULO**  
paulo.ramos@unifesp.br

Doutor, Universidade Federal de São Paulo, Brasil

**PALAVRAS-CHAVE:**  
Charge;  
Nazismo,  
Governo Bolsonaro;  
Materialidade discursiva;  
Instâncias ideológicas.

**RESUMO:** Durante o governo do presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro, houve diversas menções que associaram a figura presidencial a um discurso nazista devido a alguns de seus posicionamentos. Segundo Pêcheux (1988), as instâncias ideológicas são responsáveis por determinar as imagens projetadas na sociedade, a partir de um contexto sócio-histórico. Assim como as notícias e as reportagens, as charges têm abordado diversos traços que relacionam o discurso de Bolsonaro como pertencente ao nazismo. Apesar de, em grande parte, não ser uma menção direta, as instâncias ideológicas materializam esse discurso por meio da linguagem não-verbal, ou seja, pelo símbolo da suástica. Desse modo, o presente artigo tem como objetivo expor como charges utilizaram esse recurso para aludir o discurso nazista atrelado ao governo Bolsonaro. Para isso, selecionamos três textos gráficos que perpassam pela mesma Formação Ideológica e são constituídos de formações discursivas semelhantes. Para fins metodológicos, analisaremos charges que foram publicadas entre janeiro e maio de 2020, por estarem inseridas dentro de um mesmo contexto e apresentarem um discurso semelhante. Para a análise, partiremos dos estudos da Análise do Discurso de linha francesa.

**KEY-WORDS:**  
Political Cartoons;  
Nazism;  
Bolsonaro's Government;  
Discursive Materiality;  
Ideological Issues.

**ABSTRACT:** Throughout the government of Brazilian President Jair Messias Bolsonaro, there are several mentions that associate the presidential figure with a Nazi discourse due to some of his positions. According to Pêcheux (1988), the ideological instances are responsible for determining the images projected into society from a social and historical context. Like the news and reports, the cartoons have addressed several features that relate Bolsonaro's discourse as belonging to Nazism. Although it is not, for the most part, a direct mention, the ideological instances materialize this discourse through non-verbal language, that is, through the symbol of the swastika. Thus, this article aims to expose how cartoons used this resource to allude to the Nazi discourse linked to the

Bolsonaro government. For this, we will select three graphic texts that go through the same Ideological Formation and go through similar discursive formations. For methodological purposes, we will analyze cartoons that were published between January and May 2020, for being inserted within the same context and presenting a similar discourse. For the analysis, we start from the studies of the French Discourse Analysis.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante as eleições presidenciais do Brasil de 2018, diversas declarações polêmicas proferidas pelo então candidato Jair Messias Bolsonaro voltaram a circular pelas mídias. Grande parte dessas declarações aconteceram quando Bolsonaro era deputado federal (ele exerceu sucessivos mandatos entre 1991 e 2018). Em comum, as falas tendiam a abordar de uma maneira contundente temas tidos como delicados. Dentre as falas, destacaremos duas ditas em 2017 em uma mesma palestra (Jornal Folha de S. Paulo, 07 fev. 2020):

- “eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens. A quinta eu dei uma fraquejada e aí veio uma mulher”;
- “fui num quilombola<sup>1</sup> em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava 7 arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem procriador ele serve mais”.

Nas duas falas, dadas em discursos oficiais, as posições sociais da mulher e do negro são rebaixadas (e até desqualificadas) no modo como o político se referiu a ambos. Em um caminho igualmente discriminatório e polêmico, houve mais de uma ocasião em que ele reproduziu, de forma explícita, falas próprias ao discurso nazista. Entende-se, aqui, discurso nazista como aquele que fere os direitos humanos e segue os atos/ações discursivas advindas de Adolf Hitler, que propagava o extermínio das minorias sociais.

Em 2018, logo após ser eleito presidente, Bolsonaro propôs, em um evento com militares, a “criação de campos de refugiados, talvez, para atender os venezuelanos que fogem da ditadura de seu país” (Jornal Folha de S. Paulo, 07 fev. 2020). Declarações como essas somavam-se a outras, que explicitavam um olhar positivo à Ditadura Militar brasileira (1964-1985) e à violência promovida aos opositores dela. Em 1999, como Deputado Federal, disse explicitamente ser “favorável à tortura” (Magalhães, 2019, p. 125).

1. Trata-se de uma expressão brasileira, de origem angolana, que se refere ao escravo fugitivo para os quilombos. Os quilombos são habitações de negros fugitivos das fazendas e das casas de família branca na época da escravidão no Brasil.

Anos depois, afirmou, assim como defendiam os militares, que Vladimir Herzog havia cometido suicídio na prisão. Herzog, durante o período de Ditadura, foi, conforme mostram os estudos advindos das ciências sociais brasileiras, torturado e morto pelos militares. Ressalta-se, ainda, que era comum, nessa época, o governo militar divulgar que as vítimas de tortura eram mortas por suicídio ou por acidente de carro (atropelamento). Assim ocorreu com Herzog, que, ao ser detido pela polícia, foi encontrado enforcado dentro da cela. Segundo a Corte Interamericana de Direitos Humanos (Magalhães, 2019, p. 125), o jornalista havia sido assassinado, e não tirado a própria vida.

Na sessão da Câmara dos Deputados que definiu o início do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff<sup>2</sup>, em abril de 2016, Bolsonaro dedicou seu voto a favor do processo à “memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff”. O coronel citado por Bolsonaro foi um dos responsáveis pelas torturas realizadas durante a Ditadura Militar. Além disso, Dilma Rousseff foi presa durante esse período, ou seja, sofreu com as torturas realizadas pelos militares. De acordo com Brum (2019, p. 130), o alvo da reverência foi o único torturador brasileiro a ser reconhecido pela Justiça: “Sob o comando de Ustra, pelo menos 50 pessoas foram assassinadas e outras centenas torturadas” (Brum, 2019, p. 130).

Em reflexo ao processo eleitoral de 2018, a repetição de enunciados como esses aumentou quando Bolsonaro assumiu a presidência do país, em janeiro de 2019. Espelhados na figura dele, seus apoiadores – também chamados de bolsonaristas – “repetem” o mesmo discurso, principalmente nas redes sociais. Devido à constante repetição discursiva e pela própria forma de agir dos seguidores do atual presidente, uma das leituras feitas sobre o governo é a de vinculação dele ao nazismo. De acordo com Alessi e Hofmeister (Jornal El País, 09 jun. 2020), “a sombra da suástica nazista avança no Brasil de Jair Bolsonaro. Empoderados pelo discurso racista, anticomunista, armamentista e LGTfóbico do presidente, grupos radicais de extrema direita e de inspiração hitlerista proliferam nas redes”.

2. Dilma Rousseff tomou posse do cargo de presidente da República Federativa do Brasil em janeiro de 2011 e foi reeleita em janeiro de 2014. Porém, foi destituída do posto em 31 de agosto de 2016 por meio de um processo de *impeachment*. O processo ocorreu devido a uma denúncia de crime de responsabilidade. Esse está previsto no Artigo 85 da Constituição Federal Brasileira. De acordo com a denúncia, Rousseff ordenou a edição de créditos sem a devida autorização do Senado.

Quando produzidas na modalidade visual (textos gráficos), tais associações tendem a ser materializadas por meio de símbolos ou de referências imagéticas que remetem para a simbologia nazista. A mais emblemática é a suástica, usada na Alemanha das décadas de 1930 e início da de 40 para identificar a suposta supremacia ariana. Assim, o presente artigo tem como objetivo expor como as charges utilizaram esse recurso para aludir o discurso nazista atrelado ao governo Bolsonaro.

A charge será aqui entendida subscrevendo a definição de Riani-Costa (2001, p. 47): “um desenho humorístico sobre fato real ocorrido recentemente na política, economia, sociedade, esportes etc.”. Em outros termos: trata-se de uma crítica verbo-visual – ou somente visual – a alguma informação relacionada ao noticiário jornalístico. Contemporaneamente, elas têm sido veiculadas não apenas nos jornais impressos, mas também em suas versões digitais, bem como em sites e redes sociais *Instagram* e *Facebook*.

Os exemplos serão extraídos justamente de redes sociais. Os trabalhos serão referentes ao segundo ano do mandato presidencial dele, 2020, quando o país enfrentava a pandemia do coronavírus. Para a abordagem teórica, partiremos dos estudos da Análise de Discurso para compreendermos como se dá a concretização desse processo de vinculação do governo Bolsonaro ao nazismo nas produções chárgicas.

## **2. IDEOLOGIA, DISCURSO E MATERIALIDADE**

Para este artigo, partiremos das concepções de discurso de Pêcheux (1998). O autor nos traz a perspectiva de que, dentro do meio social, estamos cercados por instâncias ideológicas. Estas são responsáveis por determinar o que pode e deve ser dito dentro de uma conjuntura determinada. Assim, a sociedade é movida por uma ideologia que acontece no formato abstrato, mas sempre será aplicada de forma concreta, como a política, a religião e a família.

As instâncias ideológicas, então, não são algo físico, mas partem do nosso imaginário que foi determinado pelo contexto sócio-histórico. De acordo com o autor, não existe um sujeito sem ideologia, nem ideologia sem sujeito, pois somos atravessados discursivamente por essas instâncias, designadas, nesse escopo teórico, de Formação Ideológica (FI).

Um filho, por exemplo, devido à construção social de seu papel dentro da família, deve obedecer aos pais. Logo, quando altera o seu tom de voz e a mãe/pai/responsável entra em conflito, é justamente pela quebra da Formação Ideológica. Ou seja, temos aqui uma espécie de relação de força em que o filho é subordinado, na hierarquia social, aos pais. E isso, os papéis sociais exercidos pelos sujeitos e o estabelecimento de uma relação de forças, acontece em todos os aspectos da nossa sociedade.

Quando pensamos na política, existe uma hierarquia de quem deve realizar cada uma das funções, bem como a forma como a figura pública deve-se comportar. Voltando para o exemplo do filho, se a mãe pede a ele para sair com os amigos, houve uma inversão de papéis. Tal atitude vai contra a forma de como a figura materna é vista e determinada no meio social. O mesmo processo acontece com a imagem do presidente da República. Espera-se, por conta dessas instâncias ideológicas, que um presidente tenha uma postura específica: alguém que foi eleito para pensar e agir no sentido de melhorar a sociedade, conforme mostra o Artigo 78 da Constituição: “o Presidente e o Vice-Presidente da República tomarão posse em sessão do Congresso Nacional, prestando o compromisso de manter, defender e cumprir a Constituição, observar as leis, promover o bem geral do povo brasileiro, sustentar a união, a integridade e a independência do Brasil” (Constituição da República Federativa do Brasil: 1988, Art. 78).

Cada uma dessas instâncias é assegurada pelos Aparelhos Ideológicos de Estado. De acordo com Courtine (2014), estamos nos referindo a uma realidade complexa e repleta de contradições. A partir de um determinado contexto, essas relações antagônicas determinam os afrontamentos de posições políticas e ideológicas. Pêcheux (1988) nos mostra, ainda, que os Aparelhos Ideológicos de Estado não são:

[...] puros instrumentos da classe dominante, máquinas ideológicas que reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes: “... este estabelecimento [dos aparelhos ideológicos de Estado] não se dá por si só, é, ao contrário, o palco de uma dura e ininterrupta luta de classes...”, o que significa que os aparelhos ideológicos de Estado constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas de transformação das relações de produção (Pêcheux, 1988, p. 145).

Dessa maneira, não podemos pensar, nem considerar que, dentro de uma conjuntura dada, todos os Aparelhos Ideológicos de Estado agirão de maneira igual para a reprodução e a materialidade das relações de produção (Pêcheux, 1988). Por outro lado, são as suas propriedades, o seu interior, que condicionam o “tema” (política, religião, família etc.) e as lutas de classes. Por conta de o sujeito só existir pela ideologia, e a ideologia só existir para e pelo sujeito, a formação social sempre se dará por uma luta de classes. Logo, são essas lutas que determinam os papéis e a hierarquização dentro do meio social.

Ainda com base em Pêcheux, temos a concepção de Formação Discursiva (FD) que, assim como a FI, a partir de uma conjuntura dada, determinará o que pode e deve ser dito pelos sujeitos. É por isso que há uma quebra da figura materna, como foi dito anteriormente, algo que pode ser visto também na construção da figura de um presidente. Por sua vez, dentro de uma FD, sempre haverá uma Formação Ideológica. Assim, os dois conceitos estão ligados um ao outro e é a partir deles que podemos construir a materialidade discursiva.

Na figura a seguir, podemos observar como se dá, pelas formações discursiva e ideológica, a construção dessa materialidade:

Figura 1 – Tira cômica de Wesley Samp

Fonte - Blogue *Problemas & Depósito do Wes*, jan. 2020



Na tira cômica, feita por Wesley Samp e veiculada em suas redes sociais em janeiro de 2020, temos a presença de dois símbolos, sem que haja menção, em nenhum momento, do que ambos tratam ao tema abordado. Mas, pela Formação Ideológica, conseguimos construir um efeito de sentido para eles. Dado o contexto de publicação, as instâncias ideológicas nos mostram que, no primeiro quadrinho, ao se referir à imagem com a fala “Ei! Esconde esse negócio!”, fica demonstrada toda uma memória negativa que esse símbolo, a suástica, carrega.

Ao relacionarmos com um dado histórico, a Segunda Guerra Mundial, e aos discursos que atravessam esse contexto, como o do nazismo, a tentativa de escondê-la é justamente por conta da Formação Ideológica. Assim como foi dito, quando pegamos algo abstrato e trazemos para aplicar de forma concreta, a suástica evoca um discurso nazista, ou seja, de genocídio, de preconceito, de intolerância. Por trazer essa carga negativa, notamos que a materialidade se dá pelo símbolo, por intermédio de uma Formação Ideológica do que ela de fato significa, e a qual contexto discursivo pertence.

Pela suástica carregar essas instâncias ideológicas pelo discurso, pela FI, indica que isso está percorrendo a história, ou seja, significa que a história está-se repetindo, por isso ocorre o desespero na fala da personagem da tira de querer apagar o símbolo. Na última cena, apesar da tentativa do apagamento histórico trazido pela materialidade visual, aparece o segundo símbolo correspondente ao nazismo: o do bigode semelhante ao de Adolf Hitler. O humor da tira se ancora nessa tentativa frustrada de apagamento: não teria adiantado nada esconder a suástica, já que outro resquício de associação ao nazismo ainda se faria presente.

Notamos, assim, como a materialidade discursiva atravessada pelas formações ideológicas determina que, neste momento, não basta tentar realizar tal apagamento. Mas como podemos relacionar isso com a conjuntura dada? Pondo em outros termos: quais foram, na época de publicação da tira, os atravessamentos do discurso nazista vinculados ao governo de Jair Bolsonaro?

A Análise do Discurso trabalha com um conceito chamado pré-construído, ou seja, de uma verdade que é construída ao longo da história. A tira foi publicada em 21 de janeiro de 2020. Quatro dias antes, o então secretário especial de Cultura do governo federal, Roberto Alvim, publicou um vídeo se apropriando de trechos de discurso de Joseph Goebbels, ministro da Propaganda de Hitler. Comparando as duas falas (Jornal Jornalistas Livres, 17 Jan. 2020):

- Alvim – “A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional, será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo – ou então não será nada” (Jornal Jornalistas Livres, 17 Jan. 2020).
- Goebbels – “A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada” (Jornal Jornalistas Livres, 17 Jan. 2020).

Os jornalistas Paulino e Rocha (17 jan. 2020) apontaram outras semelhanças. Ao fundo, foi inserida ópera do compositor predileto de Hitler, Richard Wagner. Na cena mostrada no vídeo, o “quadro do comandante, a posição do enunciador, a cruz jesuíta: nada ali é por acaso”. E concluem os dois pesquisadores: “A comparação de imagens joga por terra a justificativa – dada pelo secretário após a desastrosa repercussão – de que tudo não passaria de uma coincidência”. Após o ocorrido, Alvim foi demitido, porém esse fato não pôs fim à vinculação do governo ao nazismo.

### **3. ALUSÕES AO NAZISMO NO GOVERNO BOLSONARO**

Também em 2020, a administração de Jair Bolsonaro expôs outros episódios de apropriação do discurso nazista. Em 09 de maio daquele ano, a secretaria especial de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) publicou a seguinte mensagem em sua conta do *Twitter*:



Figura 2 - Placa de Auschwitz ou tuíte?

Fonte - Página do Facebook de Paulo Ramos, jan. 2020<sup>3</sup>

3. Fonte - <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2814559992104187&set=pb.100006506410600.-2207520000.&type=3>

O texto “o trabalho, a união e a verdade nos libertará” remete a uma das placas na entrada dos campos de concentração de Auschwitz: “o trabalho liberta”. Assim, quando pensamos no pré-construído, é porque uma verdade foi construída pela memória sócio-histórica do que tal frase representa dentro do meio social. Novamente, somos determinados por uma instância

ideológica. Dessa maneira, percebemos que são essas formações ideológicas que serão responsáveis para determinar a materialidade presente dentro do discurso.

Arelado a esse posicionamento da Secom, houve outro exemplo, nesse mesmo mês de maio, protagonizado agora pelo próprio presidente. No dia 29, durante uma *live* em seu perfil do *Facebook*, ele tomou um copo de leite alegando ser um desafio dos ruralistas. No entanto, a partir do olhar de que não existe neutralidade discursiva, notamos que, mais uma vez, estabeleceu-se uma relação simbólica do governo com elementos nazistas.

Da mesma forma como aconteceu na tira cômica mostrada na Figura 1, em que não há a necessidade das palavras para remeter a determinada Formação Discursiva, situação em que o próprio símbolo, o não-dito, reflete e emprega um efeito de sentido, o copo de leite, se recuperarmos pela memória discursiva, possui uma referência nazista, uma forma de “se tornar branco”.

Observando os exemplos da tira, do tuíte e da fala de Bolsonaro, percebemos como as formações ideológicas foram determinadas a partir de um contexto específico. Essas determinações são chamadas de Condições de Produção (CPs), às quais partem de um contexto específico e funcionam em um contexto amplo. É por meio e através dessas CPs que as formações ideológicas constituem um efeito de sentido. Por isso, quando formos analisar as charges, sempre levaremos em conta a sua data de publicação.

Ainda com base na tira de Samp e nas relações com os discursos de Bolsonaro, podem-se relacionar os dois exemplos com os postulados de Courtine (2014). O autor nos traz a concepção de dominação ideológica, em que:

Imbricados na existência histórica dos processos discursivos como objeto de uma AD, o linguístico e o ideológico: esses dois modos de reformulação do enunciado dividido, linguisticamente descritíveis, vêm materializar em discurso as formas nas quais a luta ideológica se manifesta na luta política: como guerra ideológica de posição, onde a refutação

faz-se “por denegação” (imitar as palavras do outro, opor suas palavras às do outro, lutar palavra por palavra, como avança passo a passo numa guerra de trincheiras); ou como guerra ideológica de movimentos, na qual os efeitos polêmicos se produzem “ao inverso” (Courtine, 2014, p. 209).

Ao observar os discursos reproduzidos pelo governo Bolsonaro, percebemos que os seus dizeres não são “escolhidos”, mas são condicionados a partir do interior de uma Formação Discursiva. Esses elementos impõem, então, a refutação, por conta das posições ideológicas que são produzidas. Ainda para o autor, devemos pensar nas formações discursivas como um objeto que não possui uma outra existência, apenas uma unidade dividida. Para atribuir uma espécie de fronteira, ela precisa acontecer no interior da própria FD. Isso se dá, justamente, por conta das dominações ideológicas presentes e determinadas pelo meio social que atribuem temas às formulações, como é o caso da divisão política entre esquerda e direita.

Na tira de Samp, percebemos que há o que Courtine (2014, p. 210, grifo do autor) chama de contradição ideológica, que acontece “nas formas completas de refutação, a anterioridade do membro no qual figura a negação contrastiva sobre o membro sem negação, produzindo um efeito de uma *réplica imediata* em um diálogo simulado”. Ou seja, quando ocorre o processo de apagar a suástica que, ideologicamente, remete o discurso bolsonarista ao nazismo e, na última cena, a presença do bigode (pelos resquícios da suástica), junto do cabelo dividido, temos essa espécie de simulação.

Isso ocorre porque a dominação ideológica continua presente. Mesmo que se tente apagar ou fingir que tal repetição discursiva não aconteceu, temos a negação dada por um contraste. E é nesse contraste que ocorre a materialidade do discurso.

#### **4. MATERIALIDADES VIA FIGURA PRESIDENCIAL**

Se pensarmos nos conceitos advindos da Análise de Discurso, não existe nenhum discurso novo e estamos, por consequência, fadados a repeti-lo. Pelo mesmo escopo teórico, parte-se

do princípio de que não há neutralidade discursiva. Com base nesses pressupostos, as falas e as ações de Jair Bolsonaro e de seu governo produzem efeitos de sentido, sejam negativos, sejam positivos, de acordo com o contexto em que estiverem inseridas.

Ainda quando disputava a eleição presidencial, em 2018, Bolsonaro defendia o uso da liberdade de expressão por conta dos constantes “ataques” à sua imagem. No entanto, quando mudamos de contexto, ou seja, quando ele é eleito e, especificamente, quando a crítica é sobre a sua imagem, a situação se altera. Existe uma mudança em seu discurso, principalmente quando o associam com o símbolo da suástica, como aconteceu em 2020, durante a pandemia ocasionada pelo novo coronavírus.

Esta charge de Renato Aroeira, veiculada no site “Brasil 247” em 14 de junho de 2020, é um exemplo eloquente disso:

Figura 3 - Suástica, SUS e Bolsonaro

Fonte - Página do Facebook de Paulo Ramos, jun. 2020<sup>4</sup>

4. Fonte - <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2814559992104187&set=pb.100006506410600.-2207520000.&type=3>

CRIME CONTINUADO



O cartunista fez uma crítica a mais uma das polêmicas declarações de Bolsonaro sobre a pandemia, iniciada no país no primeiro trimestre de 2020. Feita uma vez mais em uma de suas *lives* transmitidas pelo *Facebook*, ele pedia para seus apoiadores invadirem os hospitais e gravarem a forma como estariam os leitos, a fim de averiguar se, de fato, o número de internações provocadas pela doença seria tão grave como passado pela imprensa, um de seus recorrentes alvos de críticas. Vale ressaltar que o presidente demonstrava não acreditar na gravidade do vírus.

A charge de Aroeira mescla dois símbolos, nenhum deles verbalizado no desenho (assim como visto no exemplo da tira mostrada na Figura 1). O primeiro é uma alusão à cruz vermelha, presente em unidades e equipamentos hospitalares. Vinculada à formação discursiva da medicina, ela faz alusão à saúde, ao ambiente próprio ao tratamento de pacientes. O símbolo, na verdade, é percebido por meio da cor vermelha. Isso porque as quatro extremidades da cruz são preenchidas por traços escuros, construindo visualmente o segundo símbolo, a suástica.

A inclusão da cor preta, como indica a cena construída na charge, teria sido resultado de uma pintura feita por Jair Bolsonaro. Ele é mostrado segurando uma lata de tinta preta na mão direita e um pincel na esquerda. Executando o que havia conclamado seus seguidores a fazer, ele próprio teria invadido um hospital (sinalizado pela presença da cruz vermelha). O ato é explicitado por meio da fala dele: “Bora invadir outro?”. Outro hospital, caberia finalizar o que a frase deixava implícito.

A atitude invasora instada por ele no vídeo, e ficcionalmente concretizada no desenho, levou Aroeira a pôr uma espécie de título na charge: “Crime continuado”. Explicando os dois termos. “Crime” seria pelo fato de a invasão de hospitais ser uma atitude considerada ilegal, além de ferir os direitos e a privacidade dos pacientes. “Continuado” por ser algo repetido, tanto na fala real de Bolsonaro quanto na ficcional, “Bora invadir outro?”, pensada pelo chargista.

Cabe destacar que uma das críticas mais contundentes da charge, além das elencadas, é a de que o gesto configuraria uma atitude nazista, posto que o símbolo da cruz vermelha foi

ressignificado na forma de uma suástica. Como comentado, a defesa do princípio da liberdade de expressão por parte de Bolsonaro muda quando é ele o alvo. Neste episódio, o desconforto levou seu ministro da Justiça, André Mendonça, a pedir abertura de inquérito na Polícia Federal e na Procuradoria Geral da República (Souza, 2020, [p.i.]).

O pedido veio a público em 15 de junho de 2020, no perfil mantido pelo ministro no *Twitter* (a Secom também havia mencionado o assunto na mesma rede social). No tuíte, Mendonça invocou o Artigo 26 da Lei de Segurança Nacional, promulgada em 1983, nos anos finais da Ditadura Militar. O trecho referido por ele mencionava uma pena de um a quatro anos por “caluniar ou difamar o Presidente da República, o do Senado Federal, o da Câmara dos Deputados ou o do Supremo Tribunal Federal, imputando-lhes fato definido como crime ou fato ofensivo à reputação” (Presidência da República, 1983).

O pedido foi direcionado ao desenhista e ao jornalista Ricardo Noblat, que havia compartilhado a charge em seu perfil do *Twitter*. Noblat foi incluído no parágrafo único do mesmo Artigo 26: “Na mesma pena incorre quem, conhecendo o caráter ilícito da imputação, a propala ou divulga” (Presidência da República, 1983). Vê-se que liberdade de expressão, na verdade, só valia em um determinado contexto. Ao mudarmos as Condições de Produção, os discursos são totalmente alterados para que o seu posicionamento seja visto como “certo”.

Essa forma de ser visto como “certo”, bem como o processo de censura da charge, ocorre pela materialidade discursiva presente no texto. Em nenhum momento apareceu a palavra “nazista”, mas, pelo símbolo, construímos uma verdade discursiva que, de acordo com Pêcheux (1988), trata-se de um pré-construído. Ou seja, de uma verdade que é construída ao longo da história.

Neste caso, ao modificar o símbolo do sistema de saúde (SUS) para a suástica, recuperamos, pelo discurso, a qual contexto pertence. Ao relembrarmos e termos como verdade de que se trata do contexto nazista, recuperamos os discursos pertencentes a essa instância e, por isso, Bolsonaro se incomodou e procurou censurar a charge. Assim, notamos que o não-dito traz um efeito de sentido, porque se torna uma materialidade discursiva.

A intenção presidencial de punir o chargista não funcionou. Ao contrário, deu maior visibilidade ao autor e ao desenho. Centenas de cartunistas passaram a reproduzir o trabalho, num movimento que ficou rotulado de “charge continuada” e divulgado nas redes sociais com a hashtag #somostodosAroeira. A ideia era que cada um reproduzisse a mesma charge com seu próprio estilo. Na prática, a vinculação ao nazismo não seria feita apenas por Aroeira, mas por quase toda a classe de cartunistas do país.

A iniciativa foi reconhecida na edição de 2020 do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Aroeira e mais de cem autores foram lembrados com um destaque especial. A premiação recebe o nome do mesmo jornalista assassinado pela Ditadura Militar e que, como já comentado, teria cometido suicídio, na versão de Bolsonaro.

Houve outro caso em que a figura de Jair Bolsonaro foi usada para vinculação ao discurso nazista. O trabalho é de Daniel Lafayette e foi veiculado em 02 de março de 2020, nos perfis do *Facebook* e do *Instagram* do desenhista:



Figura 4 - Bolsonaro vinculado ao nazismo

Fonte - Página do *Facebook* de Paulo Ramos , mar. 2020<sup>5</sup>

5. Fonte - <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2814559992104187&set=pb.100006506410600.-2207520000.&type=3>

Segundo o desenhista, a charge foi excluída pelo *Instagram* dada a presença da suástica – na rede social, ela é entendida como associada a manifestações de ódio. De todo modo, enquanto esteve no ar, foi possível identificar e registrar o caso. Vê-se que, além de trazer o símbolo, a arte o associa de forma direta à imagem do presidente do Brasil, representado de forma caricata. Constrói-se essa representação visual por meio de alguns traços próprios a ele: o cabelo, as sobrancelhas grossas, os riscos no queixo e o terno com gravata.

Nesse texto visual, temos a presença do símbolo como se fosse parte da personagem, assemelhando-se a chifres. Tomando como base o pré-construído e as Condições de Produção, há ao menos dois efeitos de sentido sugeridos. O primeiro é herdado do período eleitoral de 2018. O antagonismo político visto no país na ocasião levou os críticos ao então candidato a apelidarem seus apoiadores, pejorativamente, com o termo “gado”. Logo, quando vemos a suástica acima da cabeça da personagem, pelo pré-construído, podemos vincular os chifres, próprios a bois, ao “gado” bolsonarista.

Outro efeito de sentido leva em conta uma notícia transmitida dias antes de o desenho ser veiculado. E, dado que essa proximidade com o fato é um dos elementos temáticos constituintes da charge, conforme define Riani-Costa (2001), possivelmente seja o que efetivamente pautou o trabalho produzido por Lafayette. A revista “IstoÉ” divulgou uma nota em que indicava um estranhamento no fato de a primeira-dama, Michelle Bolsonaro, ter ficado sozinha em mais de uma ocasião, tanto pública (uma festa), como privada (após passar por uma cirurgia na época do Natal).

Um trecho sugeria uma proximidade dela com o então ministro da Cidadania, Osmar Terra: “Nos últimos meses, [Michelle Bolsonaro] viajava sozinha pelo País com o ministro Osmar Terra, que acaba de cair. Agora, Bolsonaro resolveu vigiá-la de perto e instalou-a na Biblioteca do Planalto” (Oliveira, 21 fev. 2020). O político havia sido demitido por Bolsonaro poucos dias antes, em 13 de fevereiro. A informação foi lida e repercutiu como uma suposta traição – não confirmada – vivida pelo presidente.

Nesse novo cenário, com essas novas Condições de Produção, os pré-construídos indicam outro efeito de sentido. Os chifres seriam alusões a uma eventual traição conjugal da primeira-dama. Também simbólicos, os chifres são tidos socialmente como vinculados ao ato de trair. É essa a acepção do termo indicada por Serra e Gurgel (1998), em seu dicionário sobre gírias. O autor também registra as variantes “chifrudo”, “chifrado”, “chifrada”, para quem foi alvo das traições, e “chifrar”, para a ação de trair. Ele também apresenta as expressões “botar chifre” e “botar um par de chifres”, ambas com as mesmas conotações.

A presença do plural em alguns dos registros se justifica. Nos animais, há dois chifres. Do mesmo modo, o desenho de Lafayette reproduz uma dupla deles na cabeça de Jair Bolsonaro. Independentemente do efeito de sentido proposto – vinculação à “boiada” bolsonarista ou a uma suposta traição conjugal –, as duas possibilidades convergem para o formato deles, o da suástica. Uma vez mais, o símbolo não é explicitado verbalmente, o que leva ao acionamento de uma formação discursiva nazista, vinculada ao presidente.

Na época em que a charge foi publicada, alguns dias antes, Bolsonaro compartilhou, por meio do aplicativo de mensagens *Whatsapp*, um vídeo em que chamava a população para um ato contra o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal. No vídeo, há a seguinte fala: “dia 15/3, vamos mostrar a força da família brasileira. Vamos mostrar que apoiamos Bolsonaro e rejeitamos os inimigos do Brasil. Somos, sim, capazes, e temos um presidente trabalhador, incansável, cristão, patriota, justo, incorruptível. Vamos todos nas ruas apoiando Bolsonaro” (Mori, 2020, [p.i.]).

O compartilhamento chegou à imprensa. A implicação é que o presidente estaria convocando presença para um ato contra os outros dois poderes do Estado Democrático de Direito. Em perfis de suas redes sociais, como o *Twitter*, Bolsonaro não negou, nem confirmou a divulgação. No entanto, no dia 15 de março, compareceu à manifestação (mesmo com a declaração do Ministério da Saúde de isolamento, devido ao novo coronavírus). Ao contrário das outras

ocorrências, em que a Formação Ideológica direciona exatamente para um discurso específico, nesta as instâncias ideológicas ocorrem pela forma com que os apoiadores do presidente são chamados e constituídos no meio social.

Assim, percebemos como mais de uma FI é atravessada dentro de uma Formação Discursiva. A junção das formações ideológicas constrói o papel e a imagem de como os apoiadores são vistos e o papel que desempenham, no caso, o de seguir todas as ações, os dizeres de Bolsonaro. Ao utilizarem o símbolo da suástica, notamos que estes seguidores acabam anuindo, de uma certa forma, também assegurado pela ideologia, que aceitam e se submetem ao discurso nazista, que seria também o bolsonarista. Não conseguimos, assim, desvincular um discurso do outro por conta da Formação Discursiva presente no governo, que, como já foi dito, é determinada pelas instâncias ideológicas como parte de uma mesma FD.

Essa repetição discursiva e a própria retomada da Formação Discursiva só nos mostram como não conseguimos quebrar este processo discursivo dado pela FD. Se voltarmos para a concepção de Pêcheux (1988), os sujeitos estão fadados a reproduzir um discurso, mesmo que sejamos atravessados por diversas ideologias. Ao final, todas elas se encontrarão no interior de uma só, de um único “tema”, que construirá, então, a Formação Discursiva.

## **5. MATERIALIDADES SEM A FIGURA PRESIDENCIAL**

Há situações de uso da suástica em charges que se valem dela para fazer uma crítica a atitudes vinculadas ao governo federal, porém sem o recurso de expor a figura do presidente. O interesse, nesses casos, é identificar como, em termos discursivos, é feita a associação entre o símbolo e a administração de Jair Bolsonaro. Na sequência, veremos dois desses casos. Ambos foram veiculados dias depois do episódio envolvendo o então secretário especial de Cultura do governo de Jair Bolsonaro, Roberto Alvim, discutido e contextualizado na exposição da tira cômica apresentada na Figura 1.

Vejamos o primeiro desses casos:

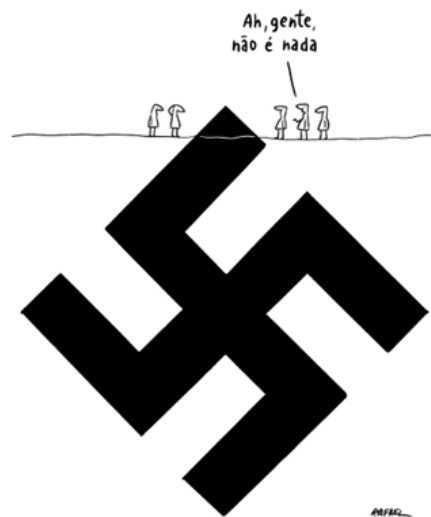


Figura 5 - Símbolo iceberg

Fonte - Página do *Facebook* de Paulo Ramos , jan. 2020<sup>6</sup>

6. Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2814559992104187&set=pb.100006506410600.-2207520000.&type=3>

A charge é de Rafael Corrêa e foi publicada em 18 de janeiro de 2020, um dia depois do vídeo veiculado por Roberto Alvim, em que ele se apropriava de fala e de parte da estética de discurso feito por Joseph Goebbels. Assim como o desenho de Daniel Lafaeytte (Figura 4), o trabalho também foi censurado pelo *Facebook*, alegando, segundo o autor, que “esta publicação viola nossos padrões sobre organizações e indivíduos perigosos. Portanto, ninguém mais pode vê-la”. Corrêa fez uma reclamação formal com a rede social e a postagem voltou ao ar.

Se observarmos somente o argumento apresentado pela rede social para excluir o conteúdo, notamos como a presença da suástica pode agregar um efeito de sentido, mesmo sem utilização das palavras, ou seja, escrever ao pé da letra que se trata de um símbolo nazista. A imagem por si já constrói esse significado, dado o pré-construído movido pela Formação Ideológica. A vinculação, no caso, seria a dos discursos de Roberto Alvim com o de Goebbels, um antissemita radical e um dos grandes nomes responsáveis para a idealização do que seria o nazismo.

Na charge de Corrêa, observamos dois grupos divididos por uma barreira, em que o do lado direito menciona “Ah, gente, não é nada”. Ao voltarmos para a concepção apontada por Pêcheux (1988) sobre luta de classes, quando há essa divisão em dois grupos, podemos refletir que:

- i) a divisão de ideários políticos foi determinada pelo meio social, ou seja, houve um atravessamento ideológico dentro de uma Formação Discursiva política; ao ocorrer esse processo, há a quebra dessa “fronteira” que gera duas possíveis sociedades, os de direita e os de esquerda;
- ii) pelos dizeres e pela barreira, notamos como esses grupos lutam para que o seu posicionamento, a sua instância ideológica, seja vista como a “correta”.

Ao observarmos toda a charge, podemos recuperar a memória da teoria do iceberg, em que só vemos uma parte superficial, sendo o restante algo que não temos noção de seu tamanho por estar submerso. Ao atrelarmos com o símbolo presente, assim como aconteceu no processo da tira cômica mencionada anteriormente (Figura 1), temos, novamente, o processo de contradição ideológica. A contradição se dá por meio desse jogo entre os dizeres da personagem com a teoria do iceberg: o que a sociedade vê do discurso nazista posicionada pelo governo Bolsonaro seria apenas uma parte. Haveria muito mais camuflado.

Logo, apesar de tentar negar e atravessar a Formação Ideológica da figura presidencial, não é possível realizarmos essa “quebra” da Formação Discursiva. Como foi apontado por Pêcheux (1988), os dizeres não partem de uma escolha, mas o sujeito é condicionado a refutar tais dizeres e ações. Logo, o sujeito não é livre, ele fala e pensa a partir das instâncias ideológicas determinadas pelas Condições de Produção. Neste caso, a personagem do lado direito realiza a defesa eufemística (“não é nada”) justamente por estar atrelada a um posicionamento, demarcado pelo meio social, de que a direita é apoiadora do governo Bolsonaro. Dessa forma, está condicionada a “repetir” os mesmos processos discursivos.

Assim, as instâncias ideológicas são responsáveis por materializar o discurso presente no símbolo da suástica. Devido ao seu processo discursivo e à carga negativa que carrega, dada pela construção sócio-histórica, é possível construirmos tais efeitos de sentido e concretizar que tal símbolo traz consigo o discurso nazista. Mesmo sem termos uma menção direta a essa palavra, a forma como as personagens estão posicionadas e a maneira como o símbolo aparece são acionados pela Formação Ideológica dentro de uma Formação Discursiva específica. Neste caso, temos a nazista e a política, respectivamente. A nazista ocorre por conta da materialidade discursiva, já a política, pelas instâncias geradas pela posição do símbolo e das personagens na charge. Por consequência, a relação das modalidades visual e verbal constrói uma ligação das duas formações discursivas, remetendo que, na verdade, não se trata de formações distintas, mas que configurariam a mesma. Ao colocarmos em outros termos, o posicionamento social do governo pertencente à FD nazista.

O segundo caso de charge que se vale da suástica sem a presença explícita da figura presidencial apresenta um processo de materialidade bem parecido:

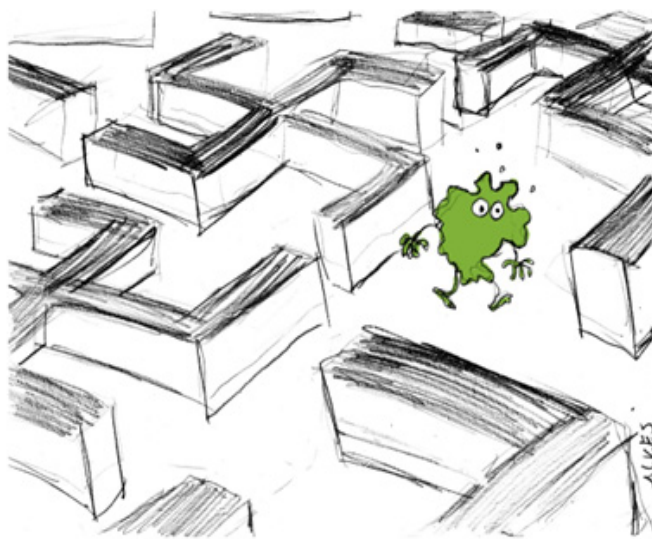


Figura 6 - País “preso” no discurso nazista

Fonte - Página do *Facebook* de Paulo Ramos, jan. 2020

A charge de Evandro Alves foi veiculada em seu perfil no *Facebook*, no dia 17 de janeiro de 2020. A exemplo dos casos mostrados nas figuras 4 e 5, ele também teve o trabalho apagado pela rede social com o argumento de que o uso da suástica estaria relacionado a discursos de ódio. As informações sobre a data exata de publicação e a imagem em si só foram obtidas por meio de contato estabelecido com o desenhista, após o caso repercutir nos perfis de outros usuários do *Facebook*.

As Condições de Produção são basicamente as mesmas, com a diferença de que o trabalho foi produzido e posto no ar horas depois de o episódio envolvendo Roberto Alvim estar nos noticiários brasileiros. Porém, ao contrário do que fora visualizado na Figura 5, em que temos o símbolo visualmente abaixo das personagens, como se não pudéssemos enxergar a imensidão e a propagação do discurso nazista dentro do meio social e do próprio governo, aqui vemos a suástica dominar todo o cenário da charge, sendo sistematicamente repetida, construindo as barreiras do que se sugere ser um labirinto.

Dentro desse labirinto, vê-se a personificação do Brasil, que conseguimos recuperar pela memória discursiva, bem como pelo pré-construído, de que se trata do contorno geográfico do país. Conseqüentemente, temos a representação de uma verdade de que o Brasil está preso dentro do discurso nazista. Isso se dá, novamente, pelas instâncias ideológicas projetadas pela suástica. Assim como nos outros casos, não temos uma menção direta, contudo, descortinamos o símbolo por conta da Formação Ideológica que nos faz recuperar o atravessamento discursivo.

Na charge anterior, averiguamos que a construção da materialidade determina que não haja a presença de duas formações discursivas, mas que, na verdade, trata-se de uma. Nesta, a FD nazista fica mais evidente. Se na outra precisávamos descer o nosso olhar para enxergarmos toda a dimensão da suástica, aqui o nosso olhar já se direciona automaticamente para o símbolo. Essa construção do cenário determina que não é um grupo, uma parcela da sociedade que

está presa ideologicamente dentro de um discurso nazista, cujos dizeres e ações correspondem a um FD específica. Pelo contrário, a personificação demonstra que o Brasil é que está preso nessa construção discursiva. Logo, apesar de existir um grupo com ideias divergentes, a instância ideológica predominante é a nazista.

Isso fica mais evidente pelos símbolos conterem uma espécie de espaço. Por meio dele, observamos que, quando se encerra um, logo em seguida já se tem outro, e outro, e outro, e assim por diante. Dessa maneira, reforça-se essa sobreposição de um discurso dentro do país. O tamanho do símbolo em relação à personagem também nos mostra o que Pêcheux (1988) nos diz sobre a luta de classes. Mais uma vez, vemos como se dá o processo de determinar discursivamente, pela materialidade, que o Brasil está subordinado a um governo com traços nazistas.

A Formação Ideológica, então, nos mostra como o discurso, dada a conjuntura, determinada pelo governo Bolsonaro – apesar de, em nenhuma das duas charges, aparecer a sua figura, nem estar atrelada diretamente à sua imagem –, os dizeres são determinados e construídos pela Formação Discursiva. E é isso que torna o país dominado por esta Formação Discursiva.

Voltamos ao princípio de como os papéis são construídos sócio-historicamente. Pelas charges, notamos como é vista a imagem do governo Bolsonaro, ou seja, a FD nazista não trata apenas desse condicionamento, mas acaba se tornando uma materialidade, no sentido de sair da forma abstrata e acontecer de forma concreta. Assim como acontece dentro da família, da religião, entre outras instâncias. Percebemos, assim, como a imagem do atual governo brasileiro é vista e, mais do que isso, foi construída dentro de um determinado imaginário social, como sendo nazista.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Pêcheux (1988, p. 147), “a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do ‘todo complexo como dominante’ das

formações ideológicas de uma formação social dada”, sendo uma contradição de uma transformação constituída ideologicamente pela luta de classes. No caso das charges, percebemos que essa luta se dá entre os discursos bolsonaristas e nazistas que, nos textos gráficos, atravessam uma mesma Formação Discursiva. Ainda com base no autor, pode existir uma contradição dentro de uma FD. Contudo, apesar de, em um primeiro momento, parecer que se trata de processos discursivos distintos causando essa contradição, as charges mostram que as instâncias ideológicas constroem uma materialidade em comum pelo símbolo da suástica.

Notamos, por meio da análise, que se trata de Condições de Produção diferentes, afinal o nazismo se passa dentro de um contexto, enquanto as charges, em outro. No entanto, foi justamente por conta dessa mudança de CPs que se pôde perceber as repetições discursivas pela materialidade discursiva. E essa materialidade é responsável por determinar os efeitos de sentido, assim como construir a figura do governo Bolsonaro. Apesar desse não ser o foco do artigo, não podemos deixar de levar em consideração a quebra ideológica e discursiva da imagem do presidente da República.

Os discursos proferidos pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, como foi abordado, em diversos momentos ao longo de sua carreira política, fizeram apologias ao discurso nazista. Por meio dessas alusões, construíram-se, então, as instâncias ideológicas correspondentes a Bolsonaro. Mais do que isso, se pensarmos na concepção de desigualdade-subordinado apontada por Pêcheux (1988), direciona-se para retratar a divisão ideológica presente dentro do nosso meio social. Para o autor, quando significamos alguém, também nos significamos. Dessa maneira, quando Aroeira posiciona-se contra o discurso de Bolsonaro e faz uma crítica aos seus dizeres pelo texto gráfico, automaticamente cria-se a concepção ideológica de que não pertence àquele grupo social. O mesmo processo acontece quando o presidente busca censurá-lo e os demais chargistas realizam a “charge continuada”. Este processo se dá pela busca de configurar o que seria o “certo”, ou seja, desigualdade-subordinação, em que o mais “forte” teria um poder em relação ao mais “fraco”.

Ao considerar o caso de Aroeira, pela Formação Ideológica, um presidente dentro da sociedade tem mais autoridade, mais força em relação aos demais. Por isso, quando utiliza essa posição para tentar censurar a charge, há tanto uma quebra dessa figura presidencial, quanto uma luta para mostrar e assumir a posição de superioridade, deixando Aroeira, então, como subordinado. No entanto, quando ocorre o movimento dentro das redes sociais, a fim de demonstrar apoio ao chargista, notamos um processo parecido. Assim, os chargistas também buscam assumir um posicionamento de superioridade.

Ao observarmos os outros textos gráficos, notamos que, de forma geral, todos possuem um traço comum dado pela materialidade discursiva. É essa materialidade que causa o ato censor, por exemplo. Dessa maneira, as instâncias ideológicas não se dão apenas ao recuperar os discursos polêmicos de Bolsonaro, mas ao configurá-lo como pertencente a uma outra Condição de Produção dada, a qual determina uma Formação Ideológica e Discursiva de a suástica pertencer ao bolsonarismo.

Assim como foi abordado, o que causa um ato censor, tanto do presidente, quanto das redes sociais, é justamente o pré-construído. A suástica traz uma verdade discursiva e o contexto em que foi atribuída, no caso, a Segunda Guerra Mundial e todos os discursos que o atravessam, como preconceito, sexismo, homofobia etc. Quando analisamos a personificação do Brasil na charge de Alves, constrói-se a verdade de o país estar preso em um discurso nazista. Da mesma forma como somos determinados a recuperar o discurso do Bolsonaro para construir os efeitos de sentido, aqui, o processo se repete. Em nenhum momento há a caracterização do presidente, contudo, pela data de publicação e pelo contexto de publicação, as Condições de Produção determinam que o país está cercado por esse discurso, devido ao seu representante eleito.

A charge de Corrêa, por outro lado, traz a verdade, justamente, da luta ideológica das divisões políticas demarcada em nosso país. Os personagens que, de uma certa forma, tentam

defender o posicionamento de Bolsonaro, são representados à direita da charge, enquanto os outros, à esquerda. Como foi dito, por sermos atravessados o tempo todo por uma ideologia, ela se configura em uma não neutralidade. Logo, o posicionamento das personagens não ocorre por acaso, pois é a partir dessa disposição que construímos tais efeitos de sentido, bem como conseguimos recuperar os discursos. Em outras palavras, sempre acontecerá o processo da luta pelo “correto”. Novamente, é pela materialidade da suástica que se constrói o sentido, faz-se valer a justificativa das personagens, bem como realiza-se a divisão dos dois grupos.

Na charge de Lafayette, ao contrário das de Corrêa e Alves, há a caracterização de Bolsonaro. Pela charge, vimos que há mais de uma Formação Ideológica presente dentro de uma Formação Discursiva. Assim como na de Corrêa, por outro lado, também se constrói não só a figura do presidente, mas também a de seus apoiadores. De maneira geral, o símbolo da suástica carrega uma ideologia negativa e, ao associá-la ao país, ao presidente e ao grupo social, automaticamente determina como as posições de sujeito estão submetidos e submissos ao discurso nazista. Pelas charges, notamos como o discurso nazista não é o contrário do bolsonarista. Pelos textos, temos como uma verdade de que se trata de um mesmo discurso. As instâncias ideológicas o determinam como parte de uma mesma Formação Discursiva, configurando, então, a repetição de um discurso em uma outra conjuntura dada. Afinal, os traços ideológicos atravessam um processo discursivo em comum.

Apesar de serem considerações parciais, vemos como esses processos discursivos se repetem nas charges, mesmo com datas distintas de publicação. Acreditamos que é necessário um estudo mais aprofundado sobre o assunto, além da análise da forma como essa materialidade pode determinar as divisões e as lutas dentro do nosso meio social.

#### REFERÊNCIAS

- Bolsonaro, J. (2018). *Perfil do Twitter*. <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1053742269176651776>
- Brum, E. (2019). *Brasil, construtor de ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.
- Corrêa, R. (2018). *Perfil do Facebook*. <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2702361349829746&set=pb.100001677230456.-2207520000.&type=3>.
- Courtine, J. (2014). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* (Tradução de C. Birck, D. Martin, M. L. Meregalli, et al.). São Carlos, SP: EdUFSCar.
- Folha de S. Paulo. (2020). *Veja falas preconceituosas de Bolsonaro e o que diz a lei sobre injúria e racismo*. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/veja-falas-preconceituosas-de-bolsonaro-e-o-que-diz-a-lei-sobre-injuria-e-racismo.shtml>.
- Jornalistas Livres. (2020). *Secretário de Cultura de Bolsonaro copia Goebbels em discurso*. <https://jornalistaslivres.org/exclusivo-secretario-da-cultura-de-bolsonaro-copia-goebbels-em%20discurso/?fbclid=IwAR0hDsaaPfvaA12YSEV9dpX5VUahMse5WKzIZ35mx8FrX9xul7XfFZUY7i8>.
- Magalhães, M. (2019). *Sob lutas e lágrimas: uma biografia de 2018*. Rio de Janeiro: Record.
- Mori, L. (2020). *Bolsonaro não pode justificar vídeos contra o Congresso como conversa pessoal, dizem constitucionalistas*. BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51653384>.
- Oliveira, G. (2020). *O esforço de Bolsonaro para vigiar a mulher de perto*. Isto É. <https://istoe.com.br/o-esforco-de-bolsonaro-para-vigiar-a-mulher-de-perto/>
- Paulino, J. & Rocha, I. (2020). *Terrível semelhança: historiadores analisam vídeo de Alvim Entendendo Bolsonaro*. Isto É. <https://entendendobolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/01/17/terrivel-semelhanca-diz-historiador-da-arte-sobre-discurso-de-alvim/>.
- Pêcheux, M. (1988). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (Tradução de Eni Orlandi). Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Presidência Da República. (1983). *Lei Nº 7.170, de 14 de dezembro de 1983*. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7170.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7170.htm).
- Ramos, P. (2020). *Perfil do Facebook*. <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2814559992104187&set=pb.100006506410600.-2207520000.&type=3>.

Riani-Costa, C. F. (2001). *Linguagem & cartum... tá rindo do quê? Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba*. Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil.

Samp, W. (2020). *Problemas & Depósito do Wes*. <https://www.facebook.com/depositodowes/photos/1025652727821289>

Serra e Gurgel, J. B. (1988). *Modismo linguístico: o equipamento falado do brasileiro*. *Dicionário de gíria*. Brasília: editado pelo autor.

Souza, M. (2020). *Chargistas denunciam tentativas de censura: como nos piores períodos da ditadura*. Brasil de fato. <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/16/chargistas-denunciam-tentativas-de-censura-como-nos-piores-periodos-da-ditadura>.

